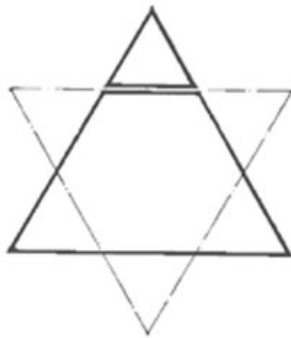




FACULDADE MARIA MILZA
PÓS-GRADUAÇÃO - HISTÓRIA E CULTURA AFRO-
BRASILEIRA, AFRICANA E INDÍGENA.

EUCLIDES ALVES DE CARVALHO JUNIOR
HAMILTON RODRIGUES



ARTIGO CIENTÍFICO
RELEITURA DO MITO DA “MALDIÇÃO DE CAM”:
ÉTICA PROTESTANTE NA ESCOLA POLIVALENTE DE
CASTRO ALVES-BA (1970/1985)

CRUZ DAS ALMAS – BA

2011

RELEITURA DO MITO DA “MALDIÇÃO DE CAM”:
ÉTICA PROTESTANTE NA ESCOLA POLIVALENTE DE CASTRO ALVES-BA
(1970/1985)

Euclides Alves de Carvalho Junior*
Hamilton Rodrigue**

O presente artigo aborda a ética protestante na Escola Estadual Polivalente de Castro Alves-BA, numa perspectiva da proposta filosófica dos religiosos do Brasil, e das diretrizes curriculares para um ensino religioso na Bahia, de caráter interconfessional, com forte influência do Negro (a), no período dos Governos Militares no Brasil (1964/1985), resultado do acordo MEC-USAID (Ministério da Educação e Cultura e United States Agency for International Development, respectivamente). As Escolas Polivalentes na Bahia, foram cópias das Escolas Polivalentes Americanas, oficializadas no Brasil pela LDB 5692/71, que regulamentava o Ensino Religioso na educação tecnicista. O resultado desta pesquisa, parte de uma abordagem qualitativa das fontes: documentos de arquivos, notas explicativas da Bíblia de Jerusalém, e da Bíblia de Genebra, tomando como pressupostos teórico-metodológico os conceitos e as perspectivas da História Nova, considerando as mudanças e permanências ocorridas no decurso do tempo, relativas a Ética Protestante, na releitura do mito da “Maldição de Cam”, relativo a inclusão Étnico-racial de afro-brasileiro na cultura capitalista, como ferramenta do historiador. A Escola Polivalente de Castro Alves-BA, desse período (1970/1985), é fruto da ideologia de sustentação da política educacional, constituída pela teoria do capital humano e por correntes do pensamento cristão conservador, que coube legitimar a iniciativa do Estado Militar de associar diretamente a Ética na Educação Religiosa e a releitura do mito da “Maldição de Cam” na educação da Escola Polivalente de acordo com os interesses dos grupos dominantes em sociedade.

Palavras-Chaves: Ética protestante. Releitura do Mito. “Maldição de Cam”.

* Professor efetivo do Colégio Estadual Polivalente de Castro Alves-BA, Licenciado em História, Pós-graduando em História e Cultura Afro-brasileira, Africana e Indígena, pela FAMAM. (Email: euclidesjunior95@hotmail.com).

** Profº Mestre Hamilton Rodrigues, UNEB e FAMAM.

The present article approaches the Protestant ethics in Castro Alves-nanny's Versatile State School, in a perspective of the philosophical proposal of the religious persons of Brazil, and of the guidelines curriculares for a religious teaching in Bahia, of character interconfessional, with strong influence of the Black (the), in the period of the Military Governments in Brazil (1964/1985), result of the agreement MEC-USAID (Ministry of Education and Culture and United States Agency goes International Development, respectively). The Versatile Schools in Bahia, were copies of the American Versatile Schools, made official in Brazil by LDB 5692/71, that it regulated the Religious Teaching in the education tecnicista. The result of this research, leaves of a qualitative approach of the sources: documents of files, explanatory notes of the Bible of Jerusalem, and of the Bible of Geneva, taking as presupposed theoretical-methodological the concepts and the perspectives of the New History, considering the changes and permanences happened in the course of the time, relative the Protestant Ethics, in the releitura of the myth of the "Curse of Cam", relative the Ethnic-racial inclusion of Afro-Brazilian in the capitalist culture, as the historian's tool. Castro Alves-nanny's Versatile School, of that period (1970/1985), it is fruit of the sustentation ideology of the it politicizes education, constituted by the theory of the human capital and for currents of the thought Christian conservative, that it fit to legitimate the initiative of the Military State of associating the Ethics directly in the Religious Education and the releitura of the myth of the "Curse of Cam" in the education of the Versatile School in agreement with the interests of the dominant groups in society.

Key Word: Protestant ethics. Releitura of the Myth. "Curse of Cam."

INTRODUÇÃO

Foi depois do dilúvio... um viandante,
Negro, sombrio, pálido, arquejante,
Descia do Ararat...
E eu disse ao peregrino fulminado:
"Cham!... serás meu esposo bem amado...
Serei tua Eloá..."

(Castro Alves)

Antes de tudo, é fundamental o esclarecimento do objetivo geral desse artigo: Fazer a releitura do mito da “Maldição de Cam” nas notas explicativas da Bíblia Católica de Jerusalém, através da interpretação das notas explicativas da Bíblia Protestante de Genebra, “Filosofia” que pode ser entendida como anti-racista, porquê presumia uma educação para a vocação profissional e sobretudo para inclusão de negros(as) e afro-brasileiros. A Escola Polivalente de Castro Alves-BA (1970/1985), tinha como objetivo formação de trabalhadores, através do ensino profissionalizante, cópia da Comprehensive High School Norte-americana, foi oficializada no Brasil, pela lei 5.692/71, durante o regime militar Brasileiro, através dos acordos MEC-USAID (Ministério da Educação e Cultura e United States Agency for International Development, respectivamente).

Max Weber procurou responder essa questão acima, articulando conceitos da sociologia com a teologia protestante, para que o capitalismo fosse compreendido não em termos estritamente econômicos e materiais, mas como um “espírito”, isto é, uma cultura, uma conduta de vida cujos fundamentos morais e simbólicos estão enraizadas na tradição religiosa dos povos de tradição protestante puritana. Ética protestante e o “espírito” do capitalismo procura compreender o fenômeno: o maior desenvolvimento capitalista dos países de confissão protestante e a maior proporção de protestantes [negros (as) e/ou Brancos] entre os proprietários do capital, empresários e integrantes das camadas superiores de mão de obra qualificada. Assim, especificamente, procuramos desconstruir a interpretação equivocada da Bíblia sagrada de tradução católica, de que o Negro(a) é um ser amaldiçoado e destinado a ser escravo(a), uma releitura do livro sagrado protestante no ensino religioso legitimava o negro(a) como sujeito histórico, desconstruindo assim o mito da “Maldição de Cam” referente a inferioridade dos afro-brasileiros na educação e no trabalho.

Este estudo compartilha da perspectiva ou visão daqueles que vêem o negro(a) como sujeitos históricos, desconstruindo o mito da “Maldição de Cam” que circulou em Curalinho, atual Cidade de Castro Alves – BA, reiteradamente nos séculos, XVIII e XIX para justificar o processo de escravidão. O Mito de Cam procurou explicar de certa forma a escravidão dos africanos, mais na verdade, justificou o elo entre a escravidão e “cor” da pele; mesmo na contemporaneidade a religião católica faz esta leitura no ensino religioso, fundamentado nas notas da Bíblia de Jerusalém, nos períodos (1970 / 1985), Conforme Bosi; (1992, Pags. 256, 257) diz que:

O tempo da origem: a danação de Cam

O destino do povo africano, cumprido através dos milênios, depende de um evento único, remoto, mas irreversível: a Maldição de Cam, de seu filho Canaã e de todos os seus descendentes. O povo Africano será negro e será escravo: eis tudo.

O poema [de Castro Alves] incorpora a versão mítica da origem do cativo que é relatado no livro de Gêneses. (...) alguns comentadores distinguem dois estratos na redação de Gêneses, 9, e lêem a menção a Canaã (“Malditos seja Canaã”) como uma substituição tardia de Cam, operada no texto quando as tribos de Israel conseguiram dominar os Cananeus no tempo do Rei Davi. As terras de Canaã, “filho de Cam”, viriam a ser enfim a pátria do povo Judeu; e os Cananeus seriam excluídos da salvação messiânica para castigo de seus pecados (de Luxúria, sobretudo), ao passo que os Hebreus receberiam de IAHWEH o direito de escravizá-los.

Mas até que ponto o texto bíblico no ensino religioso da escola Polivalente de Castro Alves na Bahia (1970/ 1985) é de fato fundamento da prova de racismo, “Fundamentado na “Maldição de Cam”?”.

Nessa perspectiva, o presente trabalho pretende, em termos gerais contestar tal tipo de leitura nas notas explicativas do texto bíblico analisando a presença positiva e de destaque de pessoas negras na Bíblia. Especificamente, objetiva-se, reler o mito de Cam, verificando o contexto de sua redação, em vista:

- a) A refutação da idéia de que ele seja fundamento religioso para justificar a inferioridade da “Raça” Negra, por causa de sua “cor”, e para sua segregação.
- b) A compreensão de como tal mito e seu contexto pode, com outros tipos de leitura, como, a da Ética protestante e o “Espírito” do capitalismo, de MAX WEBER, colaborar para a constituição de espaço de resistência, na escola e/ou Colégio Estadual Polivalente de Castro Alves-BA, e as implicações disso para a comunidade Negra na diáspora Brasileira. Para tanto, se faz necessário, em primeiro lugar, adotar uma nova postura frente aos textos bíblicos, abandonando-se o fundamentalismo religioso e/ou preconceito que algumas correntes Historiográficas mantêm em relação a esse tipo de narrativa.

Conforme Alves (2007, pag. 112) diz que:

Cristo! Embalde morreste sobre um monte...
Teu Sangue não lavou da minha fronte
A mancha original.
Ainda hoje são, por fado adverso,
Meus filhos – Alimária do universo,
Eu – Pasto universal.

Afirmção (Embalde = em vão [... o Sangue de Cristo?]) na poesia “**Vozes da África**”, de Castro Alves (Acadêmico de Direito, e membro da Loja Maçônica América – São Paulo 11/06/1868), no texto de sua obra: **Os Escravos**, uma leitura da maldição de Cam, no

contexto da “filosofia Maçônica”, conforme Câmara (2009) e Ellis (2004). O mito da “Maldição de Cam”, narrada em um tempo mítico, permaneceu fora da História? A África, e os Afro-brasileiros, foram amaldiçoados para sempre?

METODOLOGIA PARA A RELEITURA BÍBLICA DO MITO DA “MALDIÇÃO DE CAM”: UMA HISTÓRIA NOVA DA ÉTICA PROTESTANTE.

Esta evidente que, a justificação da escravização, bem como a inferioridade dos Povos Negros não tem fundamento pura e simplesmente no texto bíblico, mas no uso e na forma que ela foi e é interpretada.

Consequentemente, ele pode ser instrumento para se justificar a escravidão, como para se promover a emancipação e libertação humana. Em outras palavras, o que determinará o uso da Bíblia é o ponto de vista de sua abordagem, ou seja, a forma pela qual ela é lida e interpretada. Uma releitura, pode ser feita a partir, da visão de Max Weber, no seu livro: *Ciência e Política – duas Vocações*, ed. Martin Claret.

Conforme Weber (2001, pags 17,18) diz que:

(...) Mas a ideia da predestinação protestante [de Negros ou Brancos] tornou possível conciliar a orientação ultramundana religiosa com o êxito econômico, ao considerar que este era um sintoma de predestinação. Esta interconexão originária entre as instituições do capitalismo e a ética protestante e tal que, na situação norte-americana, Weber afirmou (...) a única coisa que Weber afirmou a partir do seu pluricausalismo metodológico é que uma das causas certas numa análise das origens do capitalismo tinha de ser a ética das seitas protestantes e que sem ela, sem o seu ingrediente, não se teria produzido o capitalismo, como efetivamente não se produziu noutros contextos de condições materiais similares, tanto ou mais avançadas que as ocidentais, como na China ou na Índia. (...) O único caminho viável é para Weber o processo de racionalização (que para ele significa sobretudo seguir uma lógica instrumental de meios a fins) em que os meios estejam adequados aos fins, representados, sobre tudo, pela ciência (grifo nosso).

Assim, afirmamos com o grifo, que a Bíblia, era, enquanto livro sagrado, objeto de leitura, estudo e interpretação restrita a sacerdotes, por muitos séculos fomos levados a aceitar as explicações dadas por tais especialistas que estudavam sob o ponto de vista eurocêntrico, cristão, branco, católico ou protestante, na maioria das vezes associados aos interesses mercantilistas do século XVI, e de forma intencional e racista, selecionaram e se valeram de alguns trechos bíblicos para a escravização do povo Negro, condenando a “cor” da sua pele, a sua cultura e religiosidade, associando-as, mesmos sendo protestantes, ao mal e ao diabólico.

A possibilidade metodológica desse artigo é da História-problema, isto é, estreitamente a reconstrução do tempo histórico produzido pela Escola dos Annales: Qual seria a releitura do Mito da “Maldição de Cam”: Ética protestante na Escola Polivalente de Castro Alves; discurso este, que legitimava o Estado-Militar em associar educação e produção capitalista por Afro-descendentes (1970/1985)?

Para os Annales, “sem problema não há História”. Dito de outra maneira é o problema e não a documentação que está na origem da pesquisa, isto é, sem um sujeito que pesquise, sem o Historiador que procura respostas para questões bem formuladas, não há documentação e não há História (Goff, 1998).

A partir da posição do problema, o Historiador distribui suas fontes atribui-lhes sentido e organiza as séries de dados que ele terá construído. O texto Histórico é o resultado de uma narração objetivista de um processo exterior organizado em si pelo final.

A pesquisa é feita pelo problema que a suscitou, o problema vai guiar na seleção dos:

1. Documentos (Ex: textos bíblicos, notas explicativas dos textos bíblicos, feitas pelos religiosos no período do ensino religioso na Escola Polivalente de Castro Alves, diretrizes curricular do Ensino Religioso do Estado, Lei 5691/71, etc.).
2. Construção das séries de eventos relevantes para a construção das hipóteses (ex: Discurso religioso da ética protestante, faz uma releitura do mito “Maldição de Cam”, e legitima o Estado-militar em associar educação e produção capitalista através de uma filosofia religiosa dos seminários interconfessional no Brasil).

Fundamentado, no que diz Jacques Le Goff, no seu livro – A História Nova.

Goff (1998, pag. 28) diz que,

(...) A História nova ampliou o campo do documento histórico; ela substitui a história de Langlois e Seignobos, fundada essencialmente nos textos, no documento escrito, por uma história baseada numa multiplicidade de documentos: escritos de todos os tipos, documentos figurados, produtos de escavações arqueológicas, documentos orais, etc. uma estatística, uma curva de preços, uma fotografia, um filme, ou, para um passado mais distante, um pólen fóssil, uma ferramenta, um ex-voto são, para a história nova, documentos de primeira (...).

Documentos referentes á vida cotidiana das massas anônimas, à vida produtiva, as suas crenças coletivas, os documentos não são mais ofícios, cartas, editais, textos explícitos sobre a intenção do sujeito, mas listas de presos, de salários, séries de certidões de batismo, óbito, testamentos, inventários. Ou seja, a documentação involuntária é prioridade e em

relação aos documentos voluntários e oficiais. Todos os meios são tentados e oficiais. Todos os meios são tentados para se vencer as lacunas e silêncios das fontes. Assim os Annales foram engenhosos para inventar, reinventar ou reciclar fontes históricas. Eles usavam escritos: a) psicológicos, b) orais, c) estatísticos, d) musicais, e) literários, f) poéticos e g) religiosos.

Sendo assim, percebemos que o negro (a) tem valor, como capital humano, na ótica da filosofia da Escola Polivalente, e que a história Judaica-cristã da salvação não pode ser usada como justificativa para se gerar a opressão, a escravidão e morte de nenhuma pessoa negra ou povo negro. Com essa releitura da “Maldição de Cam”: Discurso da ética protestante na Escola Polivalente de Castro Alves-Bahia (1970/1985), uma nova forma de interpretar a Bíblia redescobriu-se, fez-se renascer e para ter voz muitas pessoas negras, mulheres, que foram silenciadas, ocultas pela leitura tradicional romana da Bíblia, que era racista de fato. Pessoas que, embora muitas sejam anônimas naquelas narrativas, desempenharam papéis de vanguarda no processo de libertação dos regimes opressores e que contribuíram, decisivamente, para a constituição do que as tradições religiosas judaicas e cristãs chama de Povo de Deus e ou de Israel. Dentre os quais destacamos: Zípora – Cuxita esposa de Moisés, e Simeão, chamado “Negro”: Atos 13:1 – “Ora na Igreja em Antioquia havia profetas e mestres, a saber: Barnabé, Simeão, chamado Niger (=Negro), Lúcio de Cirene, Manaem, Colaço de Herodes, o tetrarca, e Saulo”. Obs. Simeão, por sobrenome Niger, significa “Negro” em Latim, ele pode ter vindo da África.

Mais especificamente destacamos no **Velho Testamento**:

a) Jeremias 13:23- diz que: “Pode, acaso, o etíope (em hebraico: Negro) mudar a sua pele ou o leopardo, as suas manchas? Então, poderíeis fazer o bem, estando acostumados a fazer o mal”.

b) Jeremias 38:12 – diz que: “Disse Ebede –Meleque, o etíope (Negro), a Jeremias: Põe agora estas roupas usadas e estes trapos nas axilas, calçando as cordas; Jeremias o fez”. E assim o etíope (negro, em Hebraico) salva o profeta Jeremias da Cisterna.

E no **Novo Testamento**:

c) Atos 8:27,37 – Diz que: “Eis que um Etíope (Negro), eunuco, alto oficial de Canoaça, Rainha dos Etíopes (negros), o qual era superintendente de todo o seu tesouro, que viera adorar em Jerusalém, (...).

Ao ler a Bíblia, a partir da nossa realidade como afrodescendentes, indagamos então: por que não temos conhecimentos de personagens negros e negras no Ensino Religioso da Bíblia? Qual o papel dos povos da África negra na formação do Povo de Israel, se os últimos

sempre recorriam ao Egito e à Etiópia nos momentos de dificuldade e mantinham estreitas relações políticas comerciais e até religiosas? Se há um mundo diferente de respeito as diferenças e de dignidade humana para todas as pessoas, ele deve ser construído e experimentado na dimensão material da vida, superando o estado de segregação, escravização e de morte que os povos negros vivem atualmente.

Com base, nos fatos Bíblicos relatados nos Salmos é necessário uma releitura do mito de Cam sob a perspectiva da negritude e uma desconstrução das interpretações tradicionais católica romana, na intenção de:

- a) Encontrar personagens bíblicos negros;
- b) Verificar o lugar que esses personagens ocupam historicamente no texto Bíblico;
- c) Ler narrativas que contribuam para a elevação da autoestima e dignidade da pessoa negra e que possibilite a superação do quadro de exclusão estabelecido pela tradição de leitura e interpretação Bíblica do ponto de vista Europeu, Branco e fundamentalista.

Assim, seria a releitura do Mito da “Maldição de Cam”: discurso da ética protestante na Escola Polivalente de Castro Alves-Bahia, discurso este legitimado pela **Constituição Federal de 1969, no capítulo IV, art. 153 e parágrafo 1.º - dos direitos e garantias individuais: Todos são iguais perante a lei, sem distinção de sexo, raça trabalho, credo, religioso e convicções políticas. Será punido pela lei o preconceito de raça.** Quando associamos os textos de **Gêneses 9:1 à 27** aos textos de Salmos:

- a) **Salmos 78, 51** – diz que: Feriu todo primogênito no Egito, primícias da força, deles nas tendas de Cão.”
- b) **Salmos 105, 23.27** – diz que: “Então Israel entrou no Egito, e Jacó peregrinou na terra de Cão”. “os quais executaram entre eles os seus sinais e prodígios na terra de Cão.
- c) **Salmos 106, 22** – Diz que: “Maravilhas na terra de Cão, coisas tremendas junto ao mar vermelho”.

Ainda que não se faça uma leitura racional e lógica do mito de Cam e sim religiosa, não é possível justificar a escravidão de povos negros por ele, tendo em vista que por um lado, Deus abençoa os três filhos de Noé e lhes faz a mesma promessa de fecundidade e multiplicação. Gêneses 9:1, diz: abençoou Deus a Noé e os seus filhos, e disse-lhes: frutificai e multiplicai-vos, e enchei a terra. Assim, como o mito de Cam já era conhecido pelas tradições orais de Israel, e se o interpretarmos no contexto do fim do Reino de Judá com a invasão e destruição de Jerusalém por Nabucodonosor em 589 A.C., e na contemporaneidade no sistema capitalista, nos conflitos do Oriente Médio, 1970 / 1985 entre, Israel e os

Palestinos, conclusões poderão ser completamente diferentes daquelas postas pela tradição fundamentalista, eurocêntrica. No contexto do exílio da babilônia, a “Maldição contra Cam” diz muito mais respeito ao conflito político – econômico internacional, que Judá vive com as potências da época, como a elite dominante de Judá preferiu fechar acordos com o Egito e não com a Babilônia, Nabucodonosor destruiu Jerusalém e desportou aquele mesmo grupo para o seu país, sem que o Egito reagisse e ajudasse Judá contra os Babilônios. Assim, explica o dicionário enciclopédico da Bíblia, sob a redação de A. Van Den Born, e seus colaboradores, uma tradução da 3ª Edição Holandesa.

Born (1977, pag. 228) diz que,

Cam (Hebr. **Hâm**; sentido desconhecido; talvez “o **quente**”) é nas genealogias Bíblicas (Gên. 5,32; 6, 10; 7,13; 1 Crôn 1,5) filho de Noé. Na geografia Bíblica (Gên 10, 6-20) a denominação **Cam** abrange os povos da África do Norte, da Arábia do Sul e (cf. 1 Crôn. 4,40) os povos Cananeus; em Sl 78,51; 105, 23-27, 106, 22 o **Egito é chamado Cam**. Na narrativa anedótica de Gên. 9, 20-27, a **maldição de Canaã (Pelos Israelitas)** que só tinha razão de ser depois que os israelitas se estabeleceram em Canaã, tornou-se uma maldição de Cam; ancestral de Canaã, por Noé.

Como diz as referências Bíblicas, o tempo e a cidade de Jerusalém, símbolos da identidade nacional estavam destruídos, já não havia um Rei que orientasse o que fazer, de modo que Judá estava nua perante o mundo, sem que seus aliados do Egito viessem a seu socorro, apenas visualizando a nudez Judaica.

A reação não poderia ser outra senão a maldição contra o descendente mítico de Cam – Egito – de que se tornasse escravo dos outros povos. Nesse sentido, o grupo de desportados para Babilônia se vale de seus arquétipos e narrativas mais antigas da origem dos povos para justificar o rompimento dos laços de irmandade que os unia aos egípcios.

Hoje, como no período do ensino religioso na Escola Polivalente de Castro Alves-Bahia (1970/1985) assim como os exilados na babilônia, também podemos estabelecer o discurso da ética protestante, que fez e faz a releitura da “maldição de Cam” que legitimava e legitima o Estado Civil-Militar em associar educação e produção capitalista pelos Afro-descendentes nas Escolas Polivalentes, bem como levantamos questionamentos sobre a lógica do mesmo, com intuito de construirmos outras leituras que sejam libertadoras e geradoras de dignidade humana. Como bem explica, Fritjof Capra, no seu livro: **O Ponto de Mutação – a ciência, a sociedade e a cultura emergente**.

Capra (1982, pags. 187, 188) diz que,

(...) O desenvolvimento da mentalidade capitalista, [do aluno (a), professor (a) da Escola Polivalente de Castro Alves-Bahia.] de acordo com uma engenhosa tese de Max Weber, esteve intimamente relacionado à ideia religiosa de uma “vocação” (ou “chamado”), que surgiu com Martinho Lutero e a reforma, em conjunto com a noção de uma obrigação moral de cumprimento do dever, por parte de cada indivíduo, nas atividades temporais. Essa ideia de uma vocação temporal projetou o comportamento religioso no mundo secular ela foi enfatizada ainda mais vigorosamente pelas seitas puritanas, que consideravam a atividade temporal e as recompensas materiais resultantes do comportamento industrioso como um sinal de predestinação divina. Assim nasceu a conhecida ética do trabalho [na Escola Polivalente de Castro Alves-Bahia] protestante [da “Maldição de Cam”], na qual o trabalho árduo, diligente, abnegado, e o êxito temporal, foram equiparados à virtude. Por outro lado, os puritanos execravam todo o consumo além dos limites da frugalidade; por conseguinte, a acumulação de riqueza era sancionada, desde que cominada com uma carreira laboriosa [do profissional, negro (a), cristão (ã)]. Na teoria de Weber, esses valores e motivos religiosos forneceram a energia e o impulso emocional, essenciais para a ascensão e o rápido desenvolvimento do capitalismo [durante o regime militar, 1970/1985] (Grifos nossos).

De acordo com os grifos, e interpretando o pensamento de Fritjof Capra, no livro a *Ética Protestante e o “espírito” do Capitalismo*, Weber começa investigando os princípios éticos que estão na base do capitalismo constituindo o que ele denomina o seu “Espírito”. E tais princípios são encontrados na Teologia Protestante, mais especificamente na Teologia Calvinista, que no caso do Ensino Religioso na Escola Polivalente, desconstrói o Mito da “Maldição de Cam”, com relação ao Negro (a) e legitima o Estado Civil-Militar em associar educação e produção capitalista em Castro Alves – Bahia (1970/1985).

A par da teologia, **Weber, formula sua hipótese básica de trabalho, segundo a qual a vivência espiritual da doutrina e da conduta religiosa exigida pelo protestantismo teria organizado uma maneira de agir religiosa com afinidade à maneira de agir econômica, necessária para a realização de um lucro sistemático e radical.**

Contraopondo-se à concepção cristã medieval preservada pelo catolicismo, que exigia como requisito fundamental o desprendimento dos bens materiais deste mundo, o protestantismo valorizava o trabalho profissional como meio de salvação do homem, negro (a) ou / e branco (a).

A concepção cristã medieval católica, eurocêntrica, considerava o trabalho nos moldes capitalista uma verdadeira “maldição”, devendo desenvolver-se apenas na medida em que o homem dele necessita-se para a sua sobrevivência, não sendo aceito, sinais, como um fim em si mesmo, esta concepção cristã católica não atribuída ao trabalho nenhum grande mérito ou significado capaz de conduzir o homem à salvação individual. Para esta concepção cristã católica Romana a vocação do homem se realizava plenamente nessa contemplação, estado perfeito em que se unia divindade, separado do mundo capitalista.

No Luteranismo, contudo, o termo “vocação” passa a significar algo praticante sinônimo de “profissão”. O homem é “chamado” por Deus não apenas para que tenha uma atitude contemplativa, mas sim para cumprir de seu tralho e de sua profissão. No calvinismo acentua-se uma valorização religiosa da atividade profissional e do trabalho; como vemos no ensino religioso das Escolas Polivalentes do Estado da Bahia; realiza-se uma recomendação ascética, contrariamente ao Católico, o calvinismo valoriza particularmente o trabalho, o espírito trabalhador, **o Calvinismo considera que somente através do trabalho e da profissão rendem-se honras e glórias a Deus**. Em consequência, o Calvinismo difunde uma ética segundo a qual o homem deve manter uma contabilidade diária de seu tempo, de maneira que não se desperdice um minuto se quer. Nesse sentido, o capitalismo seria a Cristalização objetiva destas premissas teológicas e éticas, segundo as quais o homem, em virtude de seu trabalho e da riqueza criada por esse trabalho, encontra um modo sensível e concreto de conquistar sua salvação individual. Essa mentalidade acabou configurando a tipologia do empresário moderno, do homem com “iniciativa”, que acumula capital não para seu próprio desfrute, mas sim para criar mais riqueza, uma meta das Escolas Polivalente para os afro-brasileiros, conseguindo o enriquecimento da nação e o bem estar geral. Assim, na Escola Estadual Polivalente de Castro Alves-BA, as noções de “negócio”, de “empresa”, de “profissão”, de “ofício” estão delineadas com base nessa ética protestante, preferencialmente Calvinista, discurso da ética protestante no Ensino Religioso da Escola Polivalente de Castro Alves – Bahia, que desconstrói a “maldição de Cam”, ideologicamente, e legitimava o Estado-Militar em associar educação e produção capitalista (1970/1985).

Segundo a interpretação de Weber o objetivo do capitalismo é sempre em todo lugar, aumentar a riqueza alcançada, aumentar o capital.

Esse processo de enriquecimento constitui uma indicação segura de que se está “predestinado”.

E é justamente nesse ponto que é possível observar, de acordo com a concepção de Weber, as estreitas relações existentes entre aspirações religiosas do Calvinismo e as aspirações capitalistas da Escola Polivalente de Castro Alves – Bahia (1970 / 1985).

E isto diz respeito ao reconhecimento da negritude como um ponto de vista necessário e importante para a leitura dos textos bíblicos no ensino religioso da Escola Polivalente, tendo em vista que sua interpretação não pode ser desvinculada das condições concretas de vida das pessoas negras ou apenas como projeto de salvação de almas ou promessa de vida diferente e mais feliz numa dimensão espiritual. Se há um mundo diferente de respeito às diferenças e de

dignidade humana para todas as pessoas, ele deve ser construído e experimentado na dimensão material da vida, superando o estado de segregação, escravização e de morte que os povos negros vivem atualmente. **A interpretação tradicional tendeu-se a considerar Cam, que nascido branco e teria se tornado negro por causa da maldição proferida por Noé. A pele negra e a condição de escravidão seria, então, sinais da maldição expressão por aquele patriarca a que toda pessoa negra deve carregar por toda vida, como resultado do pecado de seu ancestral mais distante.** Contudo, a interpretação libertadora e popular da Bíblia no discurso da Ética protestante na Escola Polivalente, através da releitura da “Maldição de Cam”, redescobriu um sinal de libertação e de resistência negra.

ESCOLA POLIVALENTE DE CASTRO ALVES-BA: UMA PROPOSTA CURRICULAR DE ENSINO RELIGIOSO E DE “ESPÍRITO” CAPITALISTA.

No início do século XVIII, o donatário, João Evangelista de Castro Tanajura, incumbiu o Capitão–Mor, Antonio Brandão Pereira Marinho Falcão, de iniciar a colonização em terras desmembradas da Sesmaria de Aporã, segundo as notas Históricas do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) de 1983, de acordo com a Lei Nº 5.878, de 11 de Maio de 1973.

Antonio Brandão estabeleceu-se próximo á nascente do Rio Jaguaribe e á estrada das boiadas, por onde passavam os rebanhos vindos de Minas Gerais e da Bahia. Em 14 de Março de 1847, nasce **Antonio de Castro Alves**, na Fazenda Cabaceiras, perto de Curralinho, **hoje Cidade Castro Alves**, no interior da Bahia, filho do Dr. Antonio José Alves e de D. Clélia Brasília da Silva Castro. Em homenagem ao **poeta Antonio Frederico de Castro Alves**, o Município, antigo povoado de **Curralinho**, **recebe o nome Castro Alves**. Em 1895 à sede municipal obteve furos de cidade, sendo que o topônimo foi alterado para Castro Alves em 1900, pela Lei Estadual Nº 360, sendo que há Historiadores que registram a alteração em consequência da Lei Estadual Nº 790, de 25 de junho de 1910.

Segundo **Carvalho Júnior (2009)**, na História comparada da Escola Estadual Polivalente de Castro Alves-BA - Brasil, em sua monografia: **Política e Educação na Escola Estadual Polivalente de Castro Alves-BA, numa perspectiva histórica (1964/1974)**.

Carvalho Júnior (2009, pag. 43) diz que,

Foi o PREMEM que organizou as Escolas Polivalentes, uma cópia das Escolas Públicas existentes nos EUA, sendo também para excluídos da sociedade norte-

americana. O PREMEM foi resultado de um novo acordo firmado em 13 de Maio de 1970, entre USAID/MEC, valendo lembrar, que de acordo com a Lei Nº 94 de 31 de Agosto de 1970, autoriza o Prefeito Municipal, Sr. Paschoal Blumetti, e o secretario da Prefeitura Sr. Josué Sá de Souza a adquirir e doar ao Estado da Bahia um terreno, medindo 23.250m², situado a Rua da Corrida, que era propriedade da Julia da Silva Castro, Deusdete da Silva Rebouças e Waldete da Silva Rebouças e esposa. Doar ao Estado da Bahia, para construção do Ginásio Polivalente desta cidade, Castro Alves na Bahia, através da Prefeitura Municipal, no governo do Sr. Pascoal Blumetti, e depois inaugurado no Governo de Aurino Teixeira em 1972.

A tendência tecnicista em educação resulta da tentativa de aplicar na Escola Estadual Polivalente de Castro Alves-Bahia, o modelo empresarial, que se baseia na “Racionalização”, próprio do sistema de produção capitalista, e ética protestante.

Conforme Germano (1994, Pag. 183) diz que,

O tripé ideológico de sustentação da política educacional era constituído, pois, pela doutrina da segurança Nacional, pela teoria do capital humano e por correntes do pensamento cristão conservador. A este ultimo coube legitimar [no ensino religioso da Escola Polivalente de Castro Alves-Ba], num país de maioria católica, as iniciativas do Estado Militar de associar diretamente educação e produção capitalista, bem como de fornecer sustentação a toda ideologia estatal, uma vez que o nome de Deus e os princípios cristãos eram sempre invocados pelos poderosos (Grifo nosso).

As leis 5.540/68 e 5.692/71, que normatizam as Escolas Polivalentes são impostas por militares e tecnocratas. Diversos acordos, realizados desde o golpe de 1964, só se tornam públicos em novembro de 1966, São os acordos MEC-USAID (Ministério da Educação e cultura e United States Agency for International Development), pelos quais o Brasil recebe assistência técnica e cooperação financeira para implantação da reforma através das Escolas Polivalentes no caso do Grifo, bem especificamente, da Escola Estadual Polivalente de Castro Alves-Bahia: Numa proposta curricular de ensino religioso e de discurso ético protestante.

O ensino religioso, de caráter interconfessional, com a forte influencia, do elemento negro, advindo da escravidão no Brasil, entraram na vida do brasileiro a cultura e a religiosidade luso / brasileiro / africana que tem em sua origem no Deus criador.

É ministrado na Escola Polivalente de Castro Alves-BA, amparado pelas Leis: a) Lei Nº. 5.692, de 11 de agosto de 1971 – capítulo I do Ensino de 1º 2º graus, art. 7, parágrafo único. **O ensino religioso, de matrícula facultativa constituirá disciplina dos horários normais dos estabelecimentos oficiais de 1º e 2º graus.** b) Lei Nº 3.375, de 31 de Janeiro de 1975, dispõe sobre o estatuto do magistério público do Estado da Bahia e dá outras providencias, capítulo II da organização do Magistério, Art. 5º, parágrafo IV – **Habilitação específica obtida em curso superior de graduação correspondente à licenciatura plena,**

para o ensino até o 2º Grau, ou certificado de conclusão de curso de filosofia de nível superior dos Seminários Religiosos do Brasil, desde que seus possuidores tenham registros definitivos expedidos por órgãos competentes.

Conforme Bahia (1995, pag. 90) diz que,

(...) Como ler as citações bíblicas. As citações são assim encontradas na **Bíblia de Jerusalém – Ed. Paulinas, S. Paulo** exemplo: **Mt. 4, 1-5** isto quer dizer: **Evangelho segundo Mateus, capítulo 4, versículo de 1 a 5**. Por tanto a vírgula separa os capítulos dos versículos. O traço (-) liga os versículos intermediários, não necessitando escrever todos. Outro exemplo: **Jo. 6, 8-11; 16, 6-8** como lemos: **Evangelho Segundo João, Capítulo 6, versículos de 8 a 11 e capítulo 16, versículos de 6 a 8**. Neste exemplo, usamos o ponto e vírgula (;) que serve para separar capítulos do mesmo livro. (...).

Esta é a orientação final do **aspecto metodológico para o uso da proposta curricular do ensino religioso na Escola Polivalente de Castro Alves-Bahia, importante para a releitura da “Maldição de Cam”**: Um discurso da ética protestante, sobre a majestosa civilização de **Cush, “O negro”, filho de Cam (Nome que significa “escuro”, “escurecido” ou, mais literalmente, “queimado de sol” – indicando o estado da alma do homem, escurecida pela luz do sol), e pai de Ninrode, ou Nimroud – Bar – Cush**, o líder de sua geração, neto de Cam, o filho indigno de Noé.

Nos escritos do antigo testamento, Cush é conhecido também por Núbia e muitas vezes citado com Etiópia. Da civilização Cushita, originaram-se os egípcios, após as migrações endereçadas ao Norte do Continente Africano, vejamos o mapa conceitual dos descendentes de Cam (Gêneses 10.6-20), figura Nº 1, baseado nos escritos do historiador Flávio Josefo, Judeu que viveu entre 37 e 103 D.C.

Conforme Josefo (1990, pag. 30) diz que,

(...) Os filhos de Cão ocuparam a Síria e todos os países que estão além dos montes de Amane e do Líbano, até o Oceano, aos quais deram nomes, dos quais alguns são hoje inteiramente desconhecidos e outros, modificados de tal modo que mal se poderiam reconhecer. Somente os etíopes, dos quais Cuxe filho de um dos quatro filhos de Cão foi príncipe, conservaram o seu nome; (...) os Mizraenses vindo de Mizraim também conservaram seu nome; pois nós chamamos o Egito de Mizraim e os Egípcios, Mizraenses. (...) por causa de um dos filhos de Mizraim, de nome Leabim; direi em seguida porque lhe deram o nome de África. Canaã, quatro filho de Cão, estabeleceu-se na Judeia a que chamou com o seu nome, Canaã. Cuxe que era o mais velho dos filhos de Cão, teve seis filhos: Sebá, (...) Havilá, (...) Sabtá, (...) Raamá, (...) Sobtecá. Quanto a Ninrode, sexto filho de Cuxe, ficou entre os babilônios e tornou-se Senhor deles, como eu já o disse anteriormente.

Costuma-se associar os filhos de Cam – Cuxe, Mizraim, Pute e Canaã – aos etíopes, egípcios, líbios e Cananeus, respectivamente. Em especial, Canaã tornou-se o antepassado das

tribos relacionadas em gêneses 10:15-18. O território ocupado por elas é a mesma terra prometida posteriormente a Abraão e seus descendentes, é possível que, com este detalhe é a referencia anterior à Maldição, o autor prepara seus leitores para o que virá depois, a saber, a destruição dos Cananeus e apropriação de sua terra, por Israel.

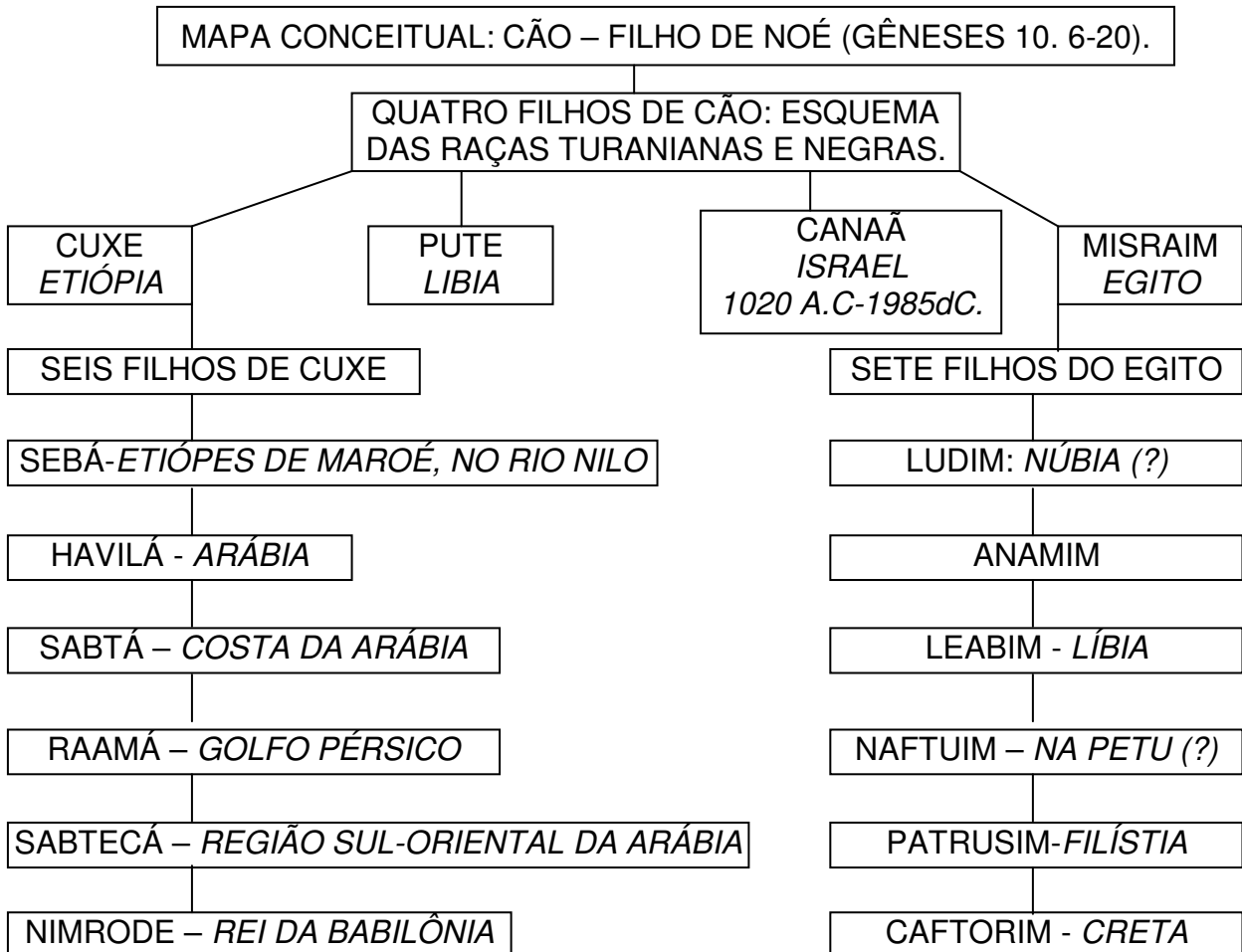


Figura Nº1: Mapa Conceitual: Cão-filho de Noé (Gn. 10:6-20).

Fonte: Adaptado da Bíblia de Jerusalém pelo autor, Euclides A. C. Jr, 2011.

As quatro raças originaram-se dos quatro filhos de Cão. Essas por sua vez subdividiram-se depois. Povoaram as terras da África, da Arábia Oriental, da Costa Oriental do Mar Mediterrâneo, e do grande vale dos Rios Tigre e Eufrates. Não há provas para afirmar que todas as raças descendentes de Cão eram negras. As primeiras monarquias orientais eram dos descendentes de Cão, por Cuxe. Existe uma opinião que alguns dos descendentes de Noé emigraram para a China e que de lá passaram para as Américas através do estreito de Beringue e do Alasca. Alguns cientista tenham a opinião de que em algum tempo os dois continentes estiveram ligados.

Nos tempos Bíblicos, Israel (Na época Canaã e mais tarde palestina) Foi a terra de diversas tribos hebraicas. Por volta de 1000 a.C., um Reino Hebreu estabeleceu-se firmemente em Jerusalém sob a liderança do Rei Davi. Em seguida ao Reino de Salomão, o país dividiu-se em dois Estados, Israel e Judá que foram respectivamente destruídos por Assírios e Babilônicos. Afastada por muito tempo de influências externas, a Etiópia desenvolveu uma cultura que ainda lembra os tempos Bíblicos. Uma das tradições de que os etíopes mais se orgulham é a da descendência de seus imperadores, o Rei Salomão e a Rainha de Sabá que, segundo afirmam, foi a Rainha Etíope Makeda de Aksom. O cristianismo foi introduzido por missionários coptas no século IV (I Reis 10).

I Reis 4:32; cantares de Salomão 1.1; cita Salomão como autor do último livro da seção poesia, onde o casamento simbólico de Salomão (Hebreu) com a Sulamita (Rainha Etíope) figura a história e a profecia da união de Jeová com Israel e a de Cristo com a Igreja Cristã. Provavelmente foi escrito entre 980-1000 a.C., ou no período do casamento de Salomão com a filha do Faraó (1 Reis 3.1; 9.24).

A estrutura de Gêneses 9:25-27 é uma estrofe de sete versos que é dividida em três partes pelo repetido refrão da servidão de Canaã, um filho do culpado Cão;

**E disse: Maldito seja Canaã; seja servo dos servos a seus irmãos. (Versículo 25).
E ajuntou: bendito seja o Senhor, Deus de Sem; e Canaã lhe seja servo. (versículo 26).
Engrateça Deus a Jafé, e habite ele nas tendas de Sem, e Canaã lhe seja servo. (versículo 27). Assim sendo, Sem seria aquele através de quem o “descendente” prometido anteriormente haveria agora de vir – Não dissera “Bendito seja o Senhor, Deus de Sem” (Gêneses 9:26)?.** Ver figura nº 2, mapa conceitual: Sem-Filho de Noé (Gêneses 10.21-32).

Conforme Josefo (1990, pags 30,31) diz que,

(...) Sem, um dos outros filhos de Noé, teve cinco filhos que estenderam o seu domínio da Ásia, desde o Rio Eufrates até o Oceano Índico. De Elão (...) Assur (...) Arfaxade (...) de Arã (...) de Lude (...) Arfaxade foi pai Salá e Salá pai de Heber de cujo nome os Judeus foram chamados Hebreus (...) Pelegue, filho de Heber, teve por filho a Réu. Réu teve Serugue, Serugue teve Naor e Naor teve Terá, pai de Abraão, que assim foi o décimo desde Noé e nasceu 292 anos depois do dilúvio, pois Terá tinha 70 anos, quando teve Abraão.

Os descendentes de Sem (Gêneses 10:21-32), são relacionados até a sexta geração (seus pentanetos). Para o autor, a linhagem de Sem é a mais importante e será acompanhada até o relato da Torre de Babel (11:10-32). Mateus 1:1 diz – o livro da genealogia de Jesus Cristo, filho de Davi, filho de Abraão.

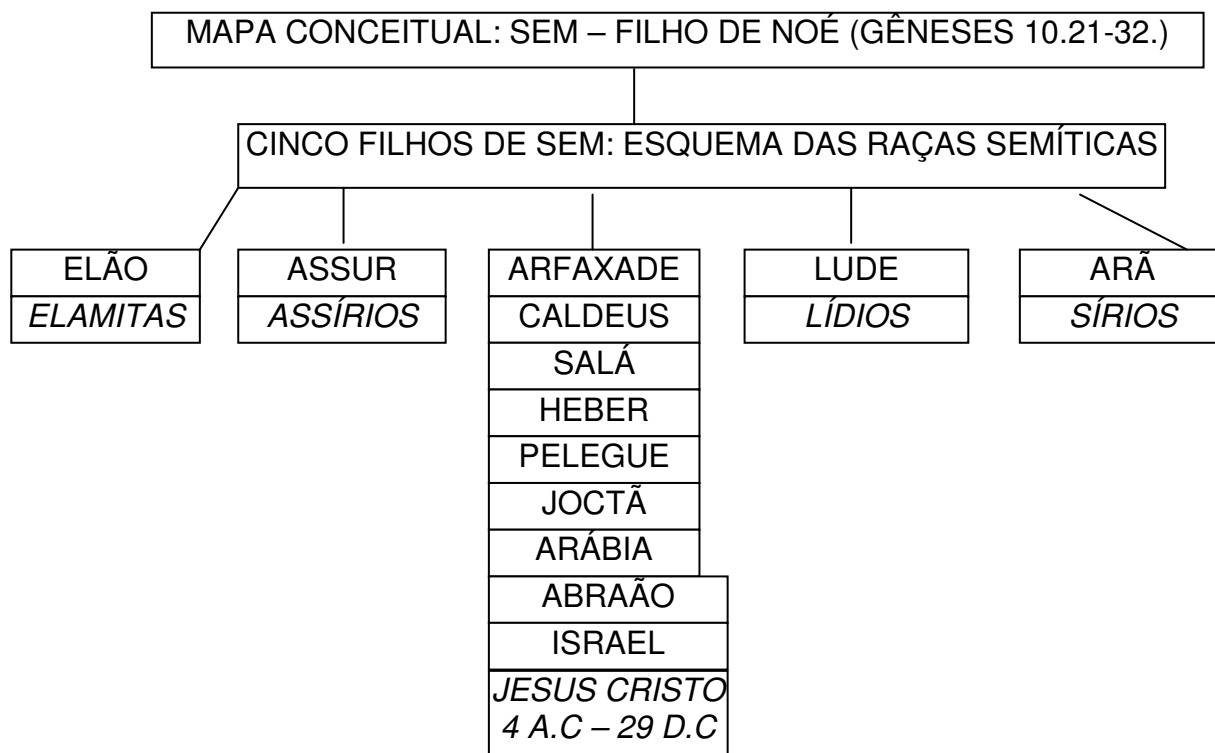


Figura Nº 2: Mapa Conceitual: Sem- filho de Noé (Gn. 10.21-32).
Fonte: Adaptado da Bíblia de Jerusalém pelo Autor, Euclides A. C. Jr., 2011.

Sem foi o pai de cinco filhos que se tornaram em cinco grandes raças e numerosas tribos menores. Arfaxade foi o pai dos Caldeus que povoaram a região marginal do Golfo Pérsico. Foi progenitor de Abraão, oito gerações anteriores. Um dos descendentes de Arfaxade foi Joctã de quem vieram treze tribos (Gêneses 10.25-30) as quais ocuparam as partes Sul e Sudeste da Península Arábica. Alguns destes nomes são mencionados na **Genealogia de Cão (Hãm), fato que pode indicar Miscigenação entre as Raças Semíticas e Negras (Hamitas)**. Noé viveu até ao tempo de Abraão. Sem chegou a alcançar o tempo de Isaque e Jacó, filho e neto de Abraão.

Esses fatos demonstram a maneira pela qual os conhecimentos históricos do principio da raça foram comunicados às gerações posteriores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No livro: Comentário Bíblico Africano – um comentário em um volume escrito por 70 Eruditos Africanos, cujo o editor geral é o Dr. Tokunboh Adeyemo, que foi secretario geral da associação de evangélicos da África e obteve o grau de PHD no Seminário Teológico de Dallas, bem como um Doutorado Honorário concedido pela Universidade Potchefstroom, por destacado saber e liderança cristã. Sobre o tema “A Maldição de Cam” ele explica, segundo a teologia Bíblica Africana.

Conforme Adeyemo (2010, p., 27) diz que,

(...) Qual foi, afinal o efeito dessa maldição sobre Canaã?
Não temos conhecimento de todas as implicações, mas sabemos que, posteriormente, Deus entregou o território dos Cananeus a Abraão e seus descendentes, o que, sem dúvida, faz parte da Maldição. No entanto, ao transferir a posse da terra, Deus não se refere a essa maldição, mas sim às práticas imorais e idolatras dos Cananeus (**Gn. 15:16; Dt 18:14**). Também não diz aos Israelitas para escravizarem os Cananeus (conforme a maldição teria exigido), mas para destruí-los (**Dt. 7:1-3**). É possível, porém, que as palavras de rejeição e exclusão pronunciadas por seu avô tenham provocado desprezo e rebelião em Canaã, levando-o a seus descendentes a se distanciarem de Deus. Uma degeneração moral profunda e intensa seria, então, compreensível e resultaria no julgamento divino.

Esta é a hipótese do Nigeriano Adeyemo, onde fica claro que a verdadeira ofensa foi a ocupação ilegal do território de Sem, por Canaã, filho do seu Irmão Cam, neto de Noé.

Uma abordagem comparativa das fontes (Notas explicativas na Bíblia de Jerusalém, em comparação com as notas explicativas da Bíblia de estudo de Genebra), tradução e interpretação do Capítulo 9 do Gênesis, nos possibilita fazer a releitura do Mito da “Maldição de Cam”, desconstruindo o discurso racista, nas notas explicativas na Bíblia de Jerusalém com a interpretação da Releitura nas notas explicativas da Bíblia de Genebra, do Mito da “Maldição de Cam”; ver figura 3 – Quadro comparativo das fontes Bíblicas do mito de Cam.

É importante destacar, que Jesus Cristo (**em Hebraico: Yeshua há Mashiach, 4a.C – 29d.C**) não pertencia às “Raças” Arianas ou indo-europeias descendentes de Jafé outro filho de Noé pai de 7 filhos: **Magogue (Citas e Russos), Javã (Quitim, Gregos, Latinos e Franceses), Tubal (Turquia), Gomer (Alemaes, Celtas, Eslavos, Escandinavos, Anglo-Saxões, etc...) Meseque (Rússia), Mandai (Hindus, Persas), e Tiras (Bulgária, Grécia).**

| QUADRO COMPARATIVO DAS FONTES BÍBLICAS DO “MITO DE CAM” | |
|--|--|
| Notas explicativas na Bíblia católica de Jerusalém: Leitura – A) pag. 43 e 44. | Notas explicativas na Bíblia protestante de Genebra: Releitura – B) Pag. 23 |
| <p>(...) Cam não será mais mencionado e Canaã será objeto da Maldição dos VV. 25-27; ele deve, pois, ser culpado. (...) A situação histórica seria a do reinado de Saul e do começo do reinado de Davi, ocasião em que israelitas e Filisteus dominavam sobre Canaã, e os Filisteus tinham invadido uma parte do território de Israel. Muitos dos padres [papas católicos] viram aqui o anúncio da entrada dos gentios (Jafé [raças arianas e indo-europeias]) para a comunidade cristã saída dos Hebreus (Sem). (...) Os filhos de Cam, os países do Sul: Egito, Etiópia, Arábia e Canaã lhes é ligado em lembrança da dominação Egípcia sobre esta região.</p> | <p>(...) Como Cam, o filho mais novo de Noé, agiu erra para com seu pai, a maldição recai sobre o filho mais novo de Cam (v. 24) que compartilha sua decadência moral (Lv 18.3); Dt. 9.3). ainda mais os descendentes de Cam incluem, em edição aos cananeus, os nomes dos inimigos mais terríveis de Israel: Egito, Filistia, Assiria e Babilônia (10.6-13) (...) visto que esta maldição da servidão cai sobre Canaã, um caucasiano, não há fundamento para o ponto de vista racista de que os povos africanos são amaldiçoados.</p> <p>(...) com a vinda do messias [Jesus Cristo] e da nova aliança, a promessa da aliança é estendida a todos os crentes [negros ou brancos, etc.] (At. 10.34-35; Gl 3.29).</p> |

Figura Nº 3: Quadro comparativo das notas explicativas da Bíblia Católica e protestante, sobre “o mito de Cam”.

Fonte: Adaptado da Bíblia de Jerusalém, e da Bíblia de Genebra, pelo autor, Euclides Alves de Carvalho Junior, 2011.

Concluindo, enfim, podemos afirmar que o texto sobre a “Maldição de Cam” pode ser vivenciado e interpretado como resistência ao racismo uma vez que: no geral a “Raça negra” é associada a grandes impérios da antiguidade, e na contemporaneidade, sua releitura pela ética protestante, justificativa para o sucesso empresarial da “Raça” Negra no capitalismo mundial. A ideologia da Escola Polivalente de Castro Alves-BA (1970/1985), possibilitou ao Negro(a) e Afro-brasileiros educação para o trabalho e desconstrução de antigos mitos, pelo Ensino-Religioso Bíblico Africano no período dos governos Militares no Brasil, associados pelos acordos MEC-USAID (Ministério da Educação e Cultura e United States Agency for International Development, respectivamente).

REFERÊNCIAS

- ADEYEMO, Tokunboh. **Comentário Bíblico Africano** – São Paul: Mundo Cristão. 2010.
- ALVES, Castro. **Os Escravos** Ed. Martin Claret, 2007.
- BÍBLIA. **Bíblia de Jerusalém**. Edições Paulinas, 1985.
- BÍBLIA. **Bíblia de estudo de Genebra**. São Paulo e Barueri, cultura cristã e Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.
- BOSI, Alfredo, **Dialética da Colonização** / São Paulo: Companhia das letras, 1992.
- BAHIA, Secretaria da Educação e Cultura. Departamento de Ensino. **Diretrizes Curriculares para o Ensino Religioso**. – Salvador: 1995.
- BAHIA, **Legislação Básica do Magistério Público Estadual Fundamental e Médio**. Salvador: Secretaria de Educação 1998.
- BORN, A. Van Den. **Dicionário Enciclopédico da Bíblia**. Editora Vozes LTDA. São Paulo. 1977.
- CAMARA, Nelson. **Escravidão Nunca Mais! Um tributo a Luiz Gama**. – São Paulo Ed. Lettera. Doc, 2009.
- CAPRA, Fritjof. **O Ponto de Mutação**. A ciência, a sociedade e a cultura emergente. Ed. Cultrix. São Paulo, 1982.
- CARVALHO JUNIOR, Euclides Alves de. **Política e Educação na Escola Estadual Polivalente de Castro Alves-BA: Numa perspectiva Histórica (1964/1974)** Cruz das Almas, Ba, 2009 (Monografia).
- ELLIS, Ralph. **As Chaves de Salomão: O Falcão de Sabá: A redescoberta das tumbas do Rei Davi, do Rei Salomão, de Hiram Habif e da Rainha de Sabá** / Tradução Ana Carolina. – São Paulo: Madras, 2004.
- HERNANDEZ, Leila Leite. **A África na Sala de Aula: Visita à História Contemporânea** – 2ed. rev. São Paulo: Selo Negro, 2008.
- GERMANO, José Willington. **Estado Militar e Educação no Brasil** – São Paulo: Cortez, 1994.
- GOFF, Jacques le. **A História Nova**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- JOSEFO, Flavio. **Historia dos Hebreus**. Tradução de Vicente Pedroso. V. 1 e 2. Rio de Janeiro. CPAD, 1990.
- WEBER, Max. **A Ética Protestante e o “Espírito” do Capitalismo**. Editora Martin Claret, 2006.
- _____ **Ciência e Política – Duas Vocações**. Editora Martin Claret LTDA, 2001.